

REPERCUSSÕES DA AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Aline de Azevedo Nascimento¹; Laura Gabryelle Sousa de Oliveira²; Thalys da Silva Barbosa³; Alice Iris Silva Martins⁴; Ana Beatriz Silva Cardoso⁵; Giovana Ferreira Crispim⁶; Layla Luiza de Abreu Duailibe⁷; Iraciane Rodrigues Nascimento Oliveira⁸.

^{1,2,3,4,5,6,7}Discente do curso de medicina, UFMA, Imperatriz, Maranhão; ⁸Enfermeira Obstétrica pela UEMA, Especialista em Saúde da Família pela Gama Filho, Mestre em Doenças Tropicais pela UFPA, Docente do curso de medicina, UFMA, Imperatriz, Maranhão.

DOI: 10.47094/IIICNNESP.2022/25

PALAVRAS-CHAVE: Prescrição. Senescência. Efeitos.

ÁREA TEMÁTICA: Condições Sociais e de Saúde.

INTRODUÇÃO

Com o constante crescimento da população idosa, resultante do processo de transição demográfica, se faz necessário o conhecimento da definição do termo automedicação, visto que é uma prática comum nessa faixa etária. A automedicação pode ser descrita como a utilização de medicamentos sem a devida prescrição, dada seja por médicos, seja por dentistas. Com o processo de envelhecimento, surgem também as doenças crônicas degenerativas, com destaque para a hipertensão arterial e diabetes mellitus, o que pode acarretar o uso indiscriminado de medicamentos devido às alterações fisiológicas em virtude da senescência. Dentre as classes farmacológicas mais utilizadas pela população em estudo, tem-se antibióticos, ansiolíticos, antidepressivos, analgésicos e beta-adrenérgicos (PEREIRA, F. G. F *et al.*, 2017).

O uso de medicamentos feito de forma incorreta pode ocasionar diversas problemáticas, sobretudo em idosos, uma vez que seu sistema fisiológico é diferente das demais faixas etárias, tendo como diferente a redução do seu fluxo sanguíneo hepático, excreção renal diminuída, diminuição na concentração de albumina, dentre outros. Tais fatores podem ser responsáveis pelo mecanismo farmacológico errôneo, resultando em resistência a microorganismos, riscos de intoxicação, interações medicamentosas e reações adversas. Ademais, a prática da automedicação pode ser induzida por compartilhamento de medicamentos com familiares ou conhecidos, reutilização de receitas antigas ou prolongamento de tratamento na receita (SECOLI, S. R. *et al.*, 2018).

Objetiva-se, com este estudo, analisar as repercussões da automedicação na população idosa, não apenas no contexto brasileiro, mas também no âmbito internacional, além de avaliar as principais características que influenciam tal prática. Esse estudo se faz necessário, pois, diante dos resultados encontrados, políticas públicas podem ser desenvolvidas voltadas para o controle do uso de medicação indiscriminada no público em questão.

METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza como uma revisão sistemática de literatura de caráter exploratório e qualitativo, na qual a fonte da coleta foram as bases de dados Scielo, BVS e Pubmed. A princípio, foram identificados 93 artigos, dos quais apenas 12 permaneceram para a revisão, visto que os demais, após leitura do título e do resumo, não se enquadraram nos critérios de inclusão e exclusão. Foi usado o operador booleano “e” (“and”) e os seguintes descritores: self-medication, elderly e effects.

Utilizou-se a seguinte questão norteadora: “Quais as implicações da automedicação na saúde da população idosa?”. Dos artigos encontrados, foram selecionados os que

cumpriam os seguintes critérios de inclusão: se enquadrar no período 2017-2021; estar escrito em língua inglesa, espanhola ou portuguesa e texto completo. Foram excluídos do estudo artigos em que o público-alvo não correspondia à população idosa e que abordassem outros aspectos que não se referia às consequências da automedicação nessa população.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Dentre os 12 artigos revisados, um (1) deles observou que a literatura relata diversos motivos que dificultam a adesão dos idosos à medicação prescrita, sendo esse o impasse que mais contribui para a prática da automedicação e conseqüentemente as repercussões advindas desse hábito. Dentre os motivos que geram tais atitudes destacam-se: muitos medicamentos com várias doses, suporte ineficiente, efeitos colaterais adversos, interações medicamentosas e custo (WAGLE, K *et al.*, 2018).

O processo de envelhecimento está muito associado ao surgimento de doenças, sobretudo crônicas, devido a maior fragilidade do sistema imunológico e maior redução da eficácia do metabolismo (PUVVADA, *et al.*, 2021). Nesse contexto, oito (8) dos artigos analisados observaram que a automedicação nessa população resulta em um aumento dos efeitos colaterais dos medicamentos, podendo gerar mais danos do que benefícios e desencadear complicações hepáticas e renais, além da possibilidade de resultar em um diagnóstico errado da condição do paciente e o retardo da busca por atendimento e aconselhamento profissional na atenção primária. Além disso, também enfatizaram que grande parte dos idosos relataram problemas com interação medicamentosa, situação acentuada pelo fenômeno de polifarmácia que é muito comum nesse grupo social.

Quatro (4) dos artigos selecionados apontaram que o maior público a realizar a automedicação, dentre a população idosa, são as mulheres. Em contrapartida, um estudo transversal quantitativo realizado na região centro-oeste do Estado de São Paulo apontou que os homens idosos praticam tal ato com maior frequência, levando em consideração o fato de que esse grupo social procura menos os serviços de saúde e, assim, tendem a comprar medicamentos não prescritos para aliviar suas queixas de saúde. Além disso, os medicamentos mais utilizados sem prescrição são anti-inflamatórios, analgésicos, relaxantes musculares e anti-histamínicos. Outro artigo relatou que o motivo dessa automedicação está associado com os sintomas provenientes de resfriados, dores articulares e dores de cabeça.

Ademais, três (3) dos artigos selecionados mencionaram que estão inclusos nos medicamentos frequentemente usados por idosos os relaxantes musculares e os AINES. O uso de tais classes de medicamentos sem prescrição prévia pode acarretar diversas reações adversas como a indução de efeitos anticolinérgicos, efeito sedativo e aumento considerável do número de quedas e conseqüentemente fraturas, além do alto risco de hemorragia gastrointestinal ou de úlcera péptica, bem como nefrotoxicidade.

Fatores como atendimento médico precário e demorado ofertado pelos serviços públicos, baixo poder aquisitivo para procurar atendimento médico particular, dependência de terceiros para ir à consultas e facilidade no acesso a farmácias contribuem para o aumento do uso de medicamentos sem prescrição médica entre idosos (SECOLI, S. R., *et al.*, 2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os 12 artigos analisados minuciosamente, as principais repercussões ocasionadas pela automedicação na população idosa foram: maior risco de um tratamento inadequado, desenvolvimento de doenças subjacentes, resistência e interação medicamentosas, reações adversas e complicações hepáticas e renais. Tal situação ocorre, principalmente, devido à multimorbidade muito presente nessa faixa etária, além

das próprias características do envelhecimento, que torna o indivíduo mais vulnerável a reações adversas.

Diante disso, é notório a urgência de se estabelecer um processo eficaz de educação em saúde a respeito da automedicação voltada à população idosa, bem como a seus cuidadores, a fim de reverter a situação constatada e, dessa forma, promover uma melhor qualidade de vida para esse grupo social. Ademais, a reduzida quantidade de trabalhos científicos que abordam a temática revela a necessidade de se discorrer mais sobre esse tema, a fim de entender as concepções sociais a respeito da automedicação e, assim, desenvolver políticas e projetos que corroborem para a redução das mazelas ocasionadas por tais práticas.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

- BARROSO, R. *et al.* AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS DE ESTRATÉGIAS DE SAÚDE DA FAMÍLIA. **Revista de enfermagem UFPE on line**. Recife, 2017.
- GARCIA, Antonio Leonardo de Freitas *et al.* Self-medication and adherence to drug treatment: assessment of participants of the Universidade do Envelhecer (the University of Aging) program. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 21, p. 691-700, 2018.
- GHAROUNI, Kasra *et al.* Application of Freire's adult education model in modifying the psychological constructs of health belief model in self-medication behaviors of older adults: a randomized controlled trial. **BMC Public Health**, v. 20, n. 1, p. 1-12, 2020.
- MENEZES, André Schuler de *et al.* A automedicação da população mundial: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 10, p. e125101018660-e125101018660, 2021.
- MUNIZ, Elaine Cristina Salzedas *et al.* Automedicação por idosos usuários de plano de saúde suplementar. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 43, n. 1, p. 23-37, 2019.
- OLIVEIRA, Samanta Bárbara Vieira de *et al.* Profile of drugs used for self-medication by elderly attended at a referral center. **Einstein (São Paulo)**, v. 16, 2018.
- PEREIRA, F. G. F *et al.* AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS ATIVOS. **Revista de enfermagem UFPE on line**. Recife, 2017.
- PUVVADA, R. K *et al.* Factors affecting self-medication practices among people living with type 2 diabetes in India - A systematic review. **Metabol Open**, 2020.
- SANTOS, Adriana Nancy Medeiros dos; NOGUEIRA, Dulcinéia Rebecca Cappelletti; BORJA-OLIVEIRA, Caroline Ribeiro de. Self-medication among participants of an Open University of the Third Age and associated factors. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 21, p. 419-427, 2018.
- SECOLI, Silvia Regina *et al.* Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, 2019.
- SILVA, Islany Dynara Diogenes *et al.* Acesso e implicações da automedicação em idosos na atenção primária à saúde. **JOURNAL HEALTH NPEPS**, v. 4, n. 2, p. 132-150, 2019.
- WAGLE, Kamal C.; SKOPELJA, Elaine N.; CAMPBELL, Noll L. Caregiver-based interventions to optimize medication safety in vulnerable elderly adults: a systematic evidence-based review. **Journal of the American Geriatrics Society**, v. 66, n. 11, p. 2128-2135, 2018.